revista online de extensão e cultura
REALIZ AÇÃO

Entrevista do ano de 2019 - Prof. Dr. Euclides Reuter de Oliveira

Alzira Salet Menegat
Giovanni Radaellli Cenci

DOI
10.30612/re-ufgd.v6i12.10843

Entrevistado: Prof. Dr. Euclides Reuter de Oliveira/Faculdade de Ciências Agrária, da Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD[1]

Entrevista realizada pela Professora Dra. Alzira Salete Menegat, docente da Faculdade de Ciências Humanas/UFGD[2].

Transcrição da entrevista: Giovanni Radaellli Cenci, acadêmico do curso de Ciências Sociais/FCH/UFGD.[3]

Alzira: A entrevista de hoje, dia 02 de Dezembro de 2019, é com o professor Euclides Reuter de Oliveira, o qual faz parte do quadro de docentes do curso de Ciências Agrárias, da Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD. Nosso proposito é conversarmos sobre a extensão universitária, numa avaliação das ações que ele vêm desenvolvendo. Iniciamos perguntando sobre como faz extensão na tua prática docente?

Euclides: Então, eu fui contratado por concurso público, no ano de 2006, quando ingressei na UFGD. Nessa universidade, como professor universitário, passei a atuar com ensino, pesquisa e extensão. Na extensão, desde que eu cheguei aqui, comecei a concorrer aos editais de fomento de agencias externas como no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/CNPq e no Programa de Extensão Universitária/PROEXT, junto ao Ministério da Educação/MEC. Acessei, ainda, recursos oferecidos pela UFGD, disponibilizados para propostas apresentadas nos editais internos de extensão, que anualmente a Pró-Reitoria de Extensão publica. Dentre as propostas externas, fui contemplado com um projeto de grande alcance, financiado pelo CNPQ, e por meio dele intensifiquei os trabalhos com pequenos produtores de agricultura familiar. No Estado de Mato Grosso do Sul os pequenos produtores ocupam áreas também pequenas e em sua maioria localizadas nos assentamentos rurais, ocupadas pelos assentados. Tem também os

1 Professor na Faculdade de Ciências Agrárias/FCA- UFGD, doutor em Nutrição Animal, extensionista e pesquisador , bolsista de Produtividade 2, CNPq.
2 Professora na Faculdade de Ciências Humanas/FCH-UFGD, doutora em Sociologia
3 Acadêmico do Curso de Ciências Sociais, da Faculdade de Ciências Humanas da UFGD.

Este obra está licenciada com uma Licença: Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 3.0 Brasil.

quilombos, com os quais eu atuo. Tenho trabalhado com esse público e em suas comunidades desenvolvo diversas atividades, que de 2006 para cá, vários projetos foram propostos e aprovados e com isso as ações foram aumentando. Isso vem facilitando afunilar diversas ações, com atividades desenvolvidas de acordo com a realidade de cada comunidade.

Alzira: Considerando o número e a abrangência dos projetos de extensão que você coordena, percebe-se que a extensão universitária tem ocupado boa parte da tua ação. Você poderia falar o que a extensão universitária representa no fazer da tua carga horária?

Euclides: A extensão representa em torno de 40% de minha carga horária na UFGD. Esses 40% eu a organizo entre visitação nas comunidades e organização dos projetos. Assim, na organização dos trabalhos na semana, eu reservo dois dias (concentrados pela manhã e tarde) para ministrar aulas. Outro dia da semana, destino para atender alunos de pós graduação e graduandos. E mais outros dois dias, na verdade são três, porque coloco o sábado também, para atender as comunidades, fazendo pesquisa e acompanhando os projetos de extensão. Então, como as atividades de extensão acontecem em vários assentamentos e em várias localidades do estado, me organizo para ir, no mínimo, em cada local, uma vez por mês.

Alzira: Que tipo de atividade de extensão você desenvolve nesses lugares?

Euclides: Bem, aí vai depender do perfil de cada comunidade, mas as atividades em andamento são: apicultura, horticultura orgânica, fruticultura orgânica, sistema silviopastoril, produção de leite orgânico, cunicultura, criação de aves semi-caipiras e reflorestamento. Dentro da fruticultura tem a parte da diversificação de frutas, com enfase na introdução do limão taiti, que é específico.

Alzira: Dentre toda essa lista de atividades, quais você destacaria em conformidade com os resultados alcançados?

Euclides: O destaque está em uma atividade que não elenquei anteriormente, que aquela direcionada a formação de grupos envolvidos com as ações. Assim, o que eu desenvolvo no contexto de todas as minhas ações, para que ocorram, são acompanhadas por uma ação social, que reune outros docentes, dentre eles da FCH, que dão suporte à parte organizacional das minhas ações. Então, eu vejo que todas as minhas ações com reflexo positivo e ou negativo estão correlacionados com o trabalho social, ou seja, eu trabalho com os grupo de assentados e quilombolas, mas também em grupo nas equipes das ações. Em resumo, para poder ter respostas em termos de produção, eu tenho que estar ajustado à parte social e o primeiro passo para uma atividade acontecer, é o da formação de grupos de pessoas das comunidades, que estarão envolvidas

Este obra está licenciada com uma Licença:
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilhalgual 3.0 Brasil.

Volume 6 | N° 12
ISSN: 2358-3401

com a ação. Além disso, uma equipe da universidade diversificada, com professores e bolsistas de diferentes áreas, fator que eu vejo como de grande importância para a realização dos meus trabalhos, na organização de grupos tanto na universidade, como dos grupos no local de execução da atividade. Para isso, na comunidade, num primeiro momento eu procuro identificar o lider na comunidade, que poderá assumir os trabalhos, reunir quem vai participar, como vai participar, que atividade esperam compartilhar com a universidade. Para essa etapa do trabalho conto com a participação de docentes da FCH.

Alzira: E na relação que você mantém com os grupos que desenvolvem as atividades nas comunidades, como eles têm recebido e pautado as demandas e o diálogo para o desenvolvimento das ações?

Euclides: As minhas ações trabalham de uma forma diferente, porque primeiro eu procuro ver a identificação da atividade no ambito da comunidade, considerando se existe afinidade entre a atividade e a comunidade, atentando se é o que desejam e se possuem potencial para desenvolver. Segundo, eu vejo se eu tenho apoio logístico e financeiro para desenvolver a atividade. Então, o que acontece: instaladas as atividades e conforme as respostas de trabalho das ações desenvolvidas, na medida em que elas vão dando certo, eu vou trabalhando outras atividades, vou incluindo novas atividades no assentamento, agregando mais pessoas, formando novos grupos e assim expandindo o alcance das ações. Para que uma comunidade tenha muitas atividades sendo executadas, ela tem que ter passado por essas etapas, ou seja, dando certo uma atividade, aí eu passo para a ampliação da ação, agregando novas atividades ou mesmo formando novos grupos dentro da mesma comunidade, alinhados com a mesma atividade. Assim vai beneficiando um maior número de pessoas.

Alzira: E quantos grupos e em quantas comunidades atualmente você têm atuações?

Euclides: São tantos grupos, que terei que contar: Assentamento Areias, com três grupos; Assentamento em Sidrolândia, com dois grupos; Assentamento Amparo, com um grupo; Assentamento Itamarati, com tres grupos; Assentamento em Nova Andradina, com dois grupos, Assentamento em Paranhos, com quatro grupos; Assentamento em Japorã, com um grupo; Assentamento em Itaquiraí, com dois grupos. Tem o grupo dos Quilombos, em Dourados. Em resumo, atuo em 10 comunidades, de diferentes assentamentos e em diferentes regiões de MS e em diversos grupos dessas comunidades. Tem também grupos que eu participo com ações esporádicas, nos projetos coordenados por colegas docentes, como por exemplo, o grupo do assentamento Ranildo da Silva, em Nova Alvorada do Sul. A cada ano esse numero vai mudando. Uma

Este obra está licenciada com uma Licença:
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilhalgual 3.0 Brasil.

Volume 6 | N° 12
ISSN: 2358-3401

comunidade a ser incluída a partir de fevereiro/2020 é aquela do Assentamento Aba da Serra, localizado no município de Ponta Porã.

Alzira: Então, em cada comunidade existe mais de um grupo envolvido nas ações de extensão?

Euclides: Cada comunidade tem vários grupos. Tem uma comunidade que tem, por exemplo, grupos diferentes de produção de hortaliças, com horticultura orgânica e mesmo outras atividades. Esses grupos são formados considerando alguns aspectos, principalmente as distâncias que eles se localizam dentro de cada assentamento. Veja o exemplo do assentamento Itamarati, que tem distância de 50km que separa um grupo do outro, dentro do próprio assentamento. Então não tem lógica, não é cabível você desenvolver ações em um grupo pensando envolver pessoas de diferentes partes do assentamento, porque não conseguem se deslocar num percurso de 50km para poderem assistir orientações técnicas. Então, os grupos são constituidos de pessoas em localidades com distâncias menores, no ambito das pequenas comunidades, atentando para a proximidade entre elas.

Alzira: E para o desenvolvimento dessas atividades, você conta com algum fomento, da universidade ou fomento externo?

Euclides: Sim, tem os recursos do CNPq, que são vários tipos de editais acessados. Tem também editais do MEC e através de editais da própria UFGD, que por meio da Pró-Reitoria de Extensão, ou mesmo pela via de emendas parlamentares, através do Ministério da Justiça, vem fomentando ações de extensão que coordeno. Recentemente iniciamos uma parceria com o Ministério da Justiça, o qual pretende fomentar ações no ambito da extensão da UFGD, com um projeto aprovado e em tramite para obtenção de recursos.

Alzira: Então, você trabalha a extensão por meio de redes com outros segmentos intitucionais?

Euclides: Sim e a rede funciona de diversas formas. Algum tempo atrás aprovei um projeto com vistas a criar um núcleo de agroecologia e produção orgânica e através desse núcleo veio um outro edital e nós fomos contemplados com a rede de agroecologia e produção orgânica. Essa rede está conectada não só com o Mato Grosso do Sul, mas com a região Centro-Oeste, e é bem forte com o Centro-Oeste. Então, a nossa relação aqui de Mato Grosso do Sul é forte em termos de rede.

Alzira: A rede tem possibilitado levar ou conectar atividades com outros locais? Por exemplo, partir do núcleo a rede se expande no âmbito da região e de outras regiões do estado?

Este obra está licenciada com uma Licença:
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilhalgual 3.0 Brasil.

Volume 6 | N° 12
ISSN: 2358-3401

Euclides: Sim, acabamos de participar de uma caravana que foi em Goiás Velho, no estado de Goiás, onde todas as caravanas do Brasil participaram apresentando o contexto de produção orgânica e de agroecologica. Com isso trocamos experiências e construímos caminhos com parcerias, seja para ações, como também para a divulgação das ações, combinando publicações de resultados. Nesse encontro participaram professores e também bolsistas, que fazem parte dos projetos de extensão. Cabe ressaltar, que os bolsistas também são resultados da extensão, porque conseguem atuar em ações junto as comunidades, vivenciando as diversas atividades, o que se configura como formação complementar, para os conteúdos do dia a dia das aulas e também uma formação interdisciplinar no meio educacional. A presença dos bolsista vem fortalecendo as ações dos projetos e das redes.

Alzira: E agora falando das dificuldades para o desenvolvimento das ações, existem algumas que enfranquecem a extensão universitária?

Euclides: Eu tenho muitas dificuldades. Primeiro é a produção científica, que a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/CAPES avalia a gente em pós-graduação pela produção intelectual de artigos, principalmente quando vai em termo de qualis. A gente tem poucas revistas com qualis elevado no contexto da extensão, voltada para a parte de produção, que é meu caso. Em outras áreas talvez sejam mais fáceis. Outro problema, é o transporte para chegar até as atividades. Eu, dentro de um contexto de transporte me considero uma pessoa privilegiada na UFGD, porque foi adquirido um carro de um outro projeto que propus e fui contemplado com recurso do antigo PROEXT/MEC, o qual fica disponibilizado para minhas ações. Mas como tenho atividades semanais, nem sempre a saída é fácil, por conta de motorista, combustível e assim vai. Então, é um outro problema, apesar de ser um problema que até então não me agravou ainda a um ponto de eu deixar de fazer as atividades. Um outro problema é a continuidade das nossas ações em relação aos editais, abertura de editais e aprovações, especialmente os editais externos, como aqueles que ocorriam com o antigo PROEXT/MEC, que eram de importancia imensa no fomento para as ações de extensão. Então volta e meia a gente fica sem aprovação e aí para dar continuidade tem uma certa dificuldade. E um outro problema é lá na ponta, no trabalho com pequenos produtores e com os grupo. O trabalho com a formação de grupos, esse exige mais, na formação e manutenção dos grupos no ambito dos assentamentos. Os órgãos de extensão do estado, que eram para eles atuarem nesse ambito, vem enfrentando dificuldades de infraestrutura e com isso a universidade tem atuado sem conseguir contar frequentemente com essas parcerias. Então esse é um problema sério dentro da extensão. No entanto, cabe destacar que esses

Este obra está licenciada com uma Licença:
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilhalgual 3.0 Brasil.

Volume 6 | N° 12
ISSN: 2358-3401

orgãos dentro do possível atuam, como o caso do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária/INCRA, numa necessidade no assentamento Areias, quando atendeu nosso convite para participar de reuniões na comunidade, ouvindo os assentados que necessitavam legalizar suas parcelas. O representante desse orgão foi até a comunidade e institucionalmente solucionou os impedimentos buracraticos que havia naquele assentamento. Uma outra dificuldade está na ponta da produção, no que se refere ao escoamento dos produtos, que isso depende de políticas publicas eficazes e continuas, como por exemplo, o Programa de Aquisição de Alimentos da Agricultura Familiar/PAA e o Programa Nacional de Alimentação Escolar/PNAI, importantes para a aquisição da produção, mas só podem ser acessadas pelos assentados que possuem a Declaração de Aptidão ao PRONAF/DAP, que é o instrumento/documento que identifica e qualifica as unidades de produção familiar. Não são todos os assentados que possui DAP e dessa forma nós, extensionistas, acabamos atuando fora do assentamento, dialogando com os orgãos que certificam os lotes, para assim viabilizar estratégias de regularização e criar condições favoráveis para a produção. Então, a extensão universitaria anda em diferentes direções, não só no dialogo com os grupos para viabilizar condições propicias para a produção, mas às vezes é necessário mediar impedimentos que aparecem decorrentes de problemas com outros orgãos e que afetam a efetivação das atividades.

Alzira: Considerando o teu percurso de 14 anos atuando na extensão da UFGD, quais resultados marcaram tua trajetória de extensionista?

Euclides: Nossa, tem vários e com enfoques totalmente diferentes. Eu não falei aqui, porque o meu trabalho eu começo normalmente em assentamentos que estão zerados de ações. Opto por escolher lugares com inúmeras dificuldades, até mesmo lugares difíceis para neles se chegar, em termos de acesso nas estradas e também nos meios para produção e escoamento da produção. Então, quando você trabalha a parte grupal e começa a valorizar, apontando que eles tem um potencial de produção, você começa a identificar o que eles podem produzir e de como essa produção se dará em termos de escoamento, os grupos passam a perceber que podem mudar sua condição. Isso produz resultados nos grupos e no entorno dos grupos, envolvendo para isso até as prefeituras dos municípios, que passam a disponibilizar ônibus dentro dos assentamentos para buscar os produtores com suas produções, levando-os até as feiras. Isso muda a dinamica das comunidades, porque se antes no assentamento mal iam na cidade, porque ficavam a 50km, 80 km da cidade e tinham que passar por estradas de difícil acesso, com o aumento da produção passam a irem a cidade com mais frequencia e partilhar dela, na condição de produtores de alimentos. Então, você vê o poder público se envolvendo em função das ações de produção do local. Isso é muito

Este obra está licenciada com uma Licença:
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilhalgual 3.0 Brasil.

Volume 6 | N° 12
ISSN: 2358-3401

gratificante, para a gente enquanto professor e para eles como produtores. Isso valoriza eles, porque conseguem produzir, dar escoamento a essa produção e também, por meio da forma econômica, eles conseguem participar de seus municípios, sendo reconhecidos. Aliado a esses fatores existem outros, como o exemplo de dois locais em que os filhos voltaram para o assentamento para poder aumentar a produção. As atividades passaram a dar tão certo, cresceram em produção e passaram a necessitar de maior numero de mão de obra para poder aumentar a produção. Então isso é uma coisa que a gente vê, do retorno de pessoas que anteriormente saíram do assentamento porque não conseguiam viver legal dentro do local e agora estão retornando. Isso é uma coisa que me marca, porque contribui para propicionar mudanças boas, por meio de ações da extensão universitaria. Outra coisa que eu vejo hoje é a gente desenvolver o potencial de produção daquele local, ou seja, se é um lugar arenoso, não é que a terra é ruim, mas tem que encontrar o que combina com ela em termos de produção. Então, nós vamos produzir batata doce, que dá bem batata doce ali. A questão é descobrir as potencialidades de cada lugar e mostrar para os grupos que a melhor batata doce é aquela produzida na terra de areia. Ou seja, em outro lugar, que tem uma terra melhor, não dá uma batata tão doce igual ali. Essa valorização é uma coisa que me marcou também, de saber que contribui para desenvolver o potencial daquele local e que isso resulta na melhoria da vida das pessoas, até em termos de esperança, de acreditar no lugar e aquilo passar a ser a melhor coisa, ser um lugar produtivo e de motivação para as pessoas que dependem do lugar. Outra coisa que me marcou está nas pessoas das comunidades quererem estudar, retornar a universidade por conta dessa relação com a UFGD, que estimula as pessoas a adquirirem conhecimento. O bom é que ao adquirirem conhecimentos, retornam para as comunidades. Então, a gente que é educador, isso tem um peso muito grande, da gente saber que a educação é que faz a diferença e em qualquer meio, principalmente no meio rural. Hoje, a pessoa para poder comprar uma semente, ela entra na internet e ela olha o valor, ela faz o pedido e a semente chega lá no assentamento. E isso é o quê? É estudo. Isso é uma condição diferenciada. Hoje eles produzem de forma orgânica e já tão fazendo grupo no WhatsApp para poder vender os produtos em formato de cestas, para poder abrir mercado. Isso é o quê? É educação. Outra coisa que me marca, é eles melhorarem a qualidade da própria vida, ou seja, aquilo que eles produzem eles consomem e consomem qualitativamente, além da quantidade, qualitativamente e vendem o excedente. Então o que acontece, eu fui nos quilombos onde uma pessoa de lá me falou o seguinte: *professor, hoje nós temos orgulho que a nossa criança pode ir ali pegar um tomate e comer, comer sem lavar, sem nada, que aquilo não vai fazer mal, que aquilo não vai ter agrotóxico, não vai ter problema nenhum*. Isso é o quê? A gente está propiciando

Este obra está licenciada com uma Licença:
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilhalgual 3.0 Brasil.

Volume 6 | N° 12
ISSN: 2358-3401

qualidade de vida para essas pessoas, em termos de consumirem com qualidade, principalmente que é o trabalho com enfoque agroecológico e orgânico. E não somente qualidade para eles, mas para quem consome o que eles produzem.

Alzira: Como você trabalha com grupos de certa forma fragilizados socialmente, em virtude da carência que existe em termos de recurso dentro dessas comunidades dos assentamentos rurais e dos quilombos, podemos dizer que a extensão caminhou para além da produção, culminando com autonomia.

Euclides: Sim, com certeza. Hoje tem locais que têm grupos de mulheres que já estão sustentando a casa em função de produzir. Então, elas estão valorizadas. Tem homem que antes era pouco produtivo e hoje tá sendo muito produtivo, sem falar que tem atividades que em assentamento está sendo desenvolvido, que eles nem tinham conhecimento há 10 anos atrás. Em 2006 eles não tinham conhecimento e hoje eles já tem conhecimento. A valia disso é muito grande.

Alzira: Aliado a isso as atividades de extensão promovem mudança na forma de produção, porque você atua com a produção orgânica, numa transição das técnicas convencionais para as técnicas não-convencionais.

Euclides: Sim, hoje, por exemplo, nós estamos iniciando atividades no assentamento no município de Japorã, onde eu estou trabalhando o início da fase de transição. Então, primeiro tem que cada um se reeducar, mudar as próprias concepções de produção, saber o que é orgânico, o que tem que ser trabalhado para poder ser orgânico, porque a execução dessas ações ocorre ao longo do tempo. E uma outra coisa que eu não enfoquei, e que é bom colocar, eu não tenho um conhecimento técnico de todas as atividades que eu desenvolvo. Então, sempre tem pessoas que quando sai da minha área de conforto, de conhecimento, eu tenho pessoas que tem conhecimento sobre aquela área e me assessoram. Ali que entra a rede de parcerias, numa troca de conhecimentos para a execução das atividades. Em contrapartida, como eu tenho uma relação muito próxima com a Associação dos Produtores Orgânicos de Mato Grosso do Sul/ APOMS, o que acontece, o que é produzido organicamente nos grupos dos assentamentos, é levado para comercializar pela APOMS. Então, acontece um esforço conjunto onde os tecnicos da APOMS dão orientação técnica para os grupos onde eu atuo e os grupos entregam a produção na APOMS, para ser comercializada. A APOMS ela atua para certificar esse tipo de produção e com isso os trabalhos que realizamos juntos acabam proporcionando trabalho para própria APOMS, dela fazer a função de certificar.

Alzira: Na esteira da produção não convencionais acontece a criação de tecnologias sociais?

Este obra está licenciada com uma Licença:
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilhalgual 3.0 Brasil.

Volume 6 | N° 12
ISSN: 2358-3401

Euclides: Sim. Várias tecnologias sociais já foram executadas, desenvolvidas e um exemplo recente é da construção de um biodigestor, destinado a produção de gás e biofertilizante. Com o biodigestor, o primeiro impacto que o assentado pensa é no gás que poderá produzir e assim deixar de comprar no mercado. Eu penso no gás, mas estou de olho também no biofertilizante, que na produção do orgânico é necessário uma produção grande de produtos para poder alimentar o solo e aí o biofertilizante cai como uma luva dentro desse contexto. No caso das tecnicas para construção do biodigestor é importante destacar que realizamos um curso no qual participaram diversas pessoas, parte delas de assentamentos rurais de todo o estado de Mato Grosso do Sul. Atualmente é um assentado que participou desse curso e se apropriou dos conhecimentos tecnicos para a instalação e vem compartilhando com outros grupos que tem interesse em montar biodigestores. A pouco tempo tivemos (professor e assentado) na região de Três Lagoas, numa atividade pela Rede em agroecologia e produção orgânica da UFGD, acessorando o Núcleo de estudos em Agroecologia daquela região do Bolsão-UFMS, compartilhando com um grupo de assentados as tecnicas de construção. Isso é importante porque significa autonomia para os grupos, onde o aluno virou professor. Outro exemplo de tecnologia social está na atividade apicula, que nela tem a parte do trabalho de melhoria genética com rainhas, que é uma outra atividade que a gente desenvolveu e os grupos conseguiram aprender e hoje desenvolvem. Tem também o trabalho com formigas, porque tem que trabalhar a formiga de forma orgânica, no controle delas de forma alternativa. Outro exemplo está no trabalho com a produção de leite, que é a parte de tipo de adubação, quantidade a ser adubada, acompanhamento desse solo e a produção de matéria seca das forragens, o que resultará na qualidade do leite. Tem a parte de aditivos principalmente de forma de origem vegetal, para poder colocar como nutrição para animais, ou seja, tem uma gama de produtos aí que foram desenvolvidos ou trabalhados dentro da produção orgânica e que podem ser considerados desenvolvimento de tecnologias sociais.

Alzira: A criação dessas tecnologias têm extrapolado a dimensão local?

Euclides: Sim, todas nossas ações, tanto de pesquisa como de extensão, elas têm um viés de troca de conhecimento. Então tem os dias de campo, tem os cursos, tem todas essas informações que são adquiridas via universidade, transferidas para as comunidades. Inclusive, de uma forma bem prática, com possibilidade deles executarem, que é isso que é importante dentro do contexto da extensão, chegando algo já trabalhado cientificamente nos grupos e assim poder dar melhores respostas nas atividades.

Alzira: Em termos da universidade, como fortalecer a extensão?

Este obra está licenciada com uma Licença:
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilhalgual 3.0 Brasil.

Volume 6 | N° 12
ISSN: 2358-3401

Euclides: Eu acho que a universidade inclusive tem trabalhado para isso, principalmente na Pró-Reitoria da própria extensão, que desde que eu iniciei na UFGD, em todo esse tempo, independente de qual gestão esteve a frente da universidade, vem trabalhando as ações de extensão nos dando um conforto, uma segurança muito grande para o desenvolvimento das ações. E agora, recente, o MEC soltou uma norma, que tem que ter uma percentagem de inserção em cada curso, em qualquer curso dentro da universidade, com ações de extensão. Isso vem inclusive valorizar mais ainda as ações de extensão trabalhadas por nós. No nosso curso de zootecnia, nós não tivemos problemas porque a gente já vinha trabalhando essas ações, inclusive com percentagem dentro do próprio curso.

Alzira: Tem mais algum aspecto que você gostaria de enfatizar em relação à tua ação como extensionista?

Euclides: A gente se depara com várias situações, uma delas é a de que o docente que trabalha com extensão está a toa, está andando a toa. Eu já desenvolvi uma maturidade academica e não dou mais importancia a esse tipo de comentario equivocado, porque a extensão é parte do nosso fazer como docente. Então, é preciso mudar esse pensamento, porque a extensão, eu vejo que está em ascenção na universidade e isso me dá um conforto muito grande, porque eu acho que é a maneira que a universidade tem de oferecer ao público em geral, aquele conhecimento produzido dentro da universidade, independente de qual seja esse público. É pela extensão que conseguimos compartilhar conhecimentos.

Alzira: Professor Euclides, agradecemos pela conversa e parabenizamos pela dedicação com a extensão.

Euclides: Eu agradeço por essa oportunidade, de poder esboçar o trabalho de extensão que venho desenvolvendo na universidade e ela estimulando a gente a se desenvolver. Eu me sinto assim, uma pessoa lisongeada de estar contribuindo de alguma forma com o pequeno produtor. Eu me vejo como um elo nesse processo e com o compromisso em ajudar quem menos pode, que é o pequeno produtor, especialmente o assentado e o quilombola. Por isso que atuo com a ideia da autonomia, que quando vejo que as atividades assumidas por uma comunidade estão bem e ela consegue andar sozinha, inicio aquela atividade em outra comunidade que se encontra zerada. Com isso eu sempre estou buscando comunidades para poder trabalhar com a extensão universitaria. Eu conseguindo fazer isso, eu acho que já está de bom tamanho.

Este obra está licenciada com uma Licença:
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilhalgual 3.0 Brasil.

Volume 6 | N° 12
ISSN: 2358-3401

Relação de Projetos de Extensão coordenados pelo professor entrevistado

Período da atividade e título dos projetos:

2019 – Atual - Produção de mudas em viveiro florestal agroecológico;

2019 – Atual - IX Dia de campo: Produção de silagem orgânica para ruminantes;

2019 – Atual - Acompanhamento da apicultura orgânica e agroecológica na Comunidade Santa Olga, Nova Andradina;

2019 – Atual- Uso de sistema orgânico para produção de leite na agricultura familiar;

2019 – Atual - Assistência técnica a apicultores no assentamento Itamarati, Ponta Porã, MS;

2019 – Atual - Produção de produtos apícolas a partir da criação de abelhas em sistema orgânico;

2019 – Atual - Hortas orgânicas: Alternativa de produção para pequenos produtores, em Mato Grosso do Sul;

2019 – Atual - Implantação de área para produção de feno orgânico para alimentação de ruminantes;

2017 – Atual - Demonstração prática da pesquisa na criação de ruminantes em sistema orgânico;

2017 – Atual - Liga Acadêmica Rural;

2017 – Atual - Alimentação: Feno orgânico para ruminantes;

2017 – Atual - Sistema orgânico e agroecológico de criação de abelhas na comunidade areias;

2017 – Atual -XI Dia de campo: Produção de silagem orgânica para ruminantes;

2016 – 2016 - Apícultura na comunidade areias em sistema agroecológico e de produção orgânica;

2016 – 2016 - X Dia de campo: Produção de silagem orgânica para ruminantes;

2016 – 2016 - Produção de forragem orgânica para ruminantes;

2016 – 2016 - Bovinocultura em sistema orgânico na agriculura familiar;

2016 – Atual - Implantação e monitoramento de unidade familiar em transição para sistemas de produção de leite orgânico;

2016 – Atual - Desenvolvimento, implantação e monitoramento de unidades familiares em transição para sistemas de produção de leite orgânico;

2016 – Atual - Desenvolvimento de Site para comercialização de produtos agroecológicos e/ou orgânicos provenientes da agricultura familiar;

2016 – Atual - Sistema orgânica de produção de hortaliças na agricultura familiar, em Mato Grosso do Sul;

2015 – 2016 - Criação de bovinos como alternativa educacional em produção orgânica;

Este obra está licenciada com uma Licença:
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilhalgual 3.0 Brasil.

Volume 6 | N° 12
ISSN: 2358-3401

2015 – 2016 - Práticas em sistema sivipastoril: garantia de sustentabilidade e produtividade no meio rural;

2015 – 2016 - Horticultura orgânica em comunidades de Mato Grosso do Sul;

2015 – 2015 - Produção de feno orgânico para ruminantes;

2015 – 2015 - Manejo apícola de forma agroecológico e de produção orgânica na comunidade areias;

2015 – 2015 - IX Dia de campo: Produção de silagem orgânica para ruminantes;

2014 – 2015 - Criação de animais de forma ecológica, em assentamento, no sul de MS;

2014 – 2015 - Produção de bovinos leiteiros em sistema orgânico em assentamento rural;

2014 – 2014 - Extensão rural: implantação e acompanhamento de melhorias na prática agroecológica utilizando animais e vegetais na agricultura familiar, em MS;

2014 – 2014 - Alimento alternativo para gado de corte: feno - Serie III;

2014 – 2014 - VIII Dia de campo: Produção de silagem para ruminantes;

2013 – 2014 - Alimento alternativo para gado de corte: feno - Serie II;

2013 – 2014 - Desenvolvimento de sistema sivipastoril em assentamento rural em MS;

2013 – 2014 -Manejo de bovinos leiteiros na Extensão Rural;

2013 – 2013- Adoção de práticas agroecológicas na produção agrícola e de sustentabilidade familiar, em assentamentos, no Sul de Mato Grosso do Sul;

2013 – 2013 - VII Dia de campo: Produção de silagem para ruminantes;

2012 – 2014 - Produção animal para pequenos produtores;

2012 – 2012 - Alimento alternativo para gado de corte: feno;

2012 – 2012 - VI Dia de campo: Produção de silagem para ruminantes;

2011 – 2013 - Desenvolvimento de atividades alternativas na comunidade Quilombola, Dourados/MS;

2011 – 2011 - A extensão universitária como estratégias e práticas técnicas na comunidade quilombola – Dourados/MS;

2011 – 2011 - Tecnologias Sustentáveis para a Agricultura Familiar na Comunidade Amparo, Dourados/MS;

2011 – 2011 - V Dia de campo: Produção de silagem para ruminantes;

2011 – 2011 - Fenação: alternativa tecnológica para alimentação animal durante o período seco;

2010 – 2013 - Produção animal e vegetal pelas práticas agroecológicas para sustentabilidade familiar, em comunidades, no Sul de Mato Grosso do Sul;

Este obra está licenciada com uma Licença:
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 3.0 Brasil.

Volume 6 | N° 12
ISSN: 2358-3401

2010 – 2010 - Utilização da apicultura como alternativa para a geração de renda nos assentamentos da região de Dourados – MS;

2009 – 2011- Desenvolvimento de atividades alternativas na comunidade Quilombola, Dourados/MS;

2009 – 2010 - Apoio a agricultores familiares da comunidade Lagoa Grande em atividades Zootécnicas: produção, higiene e profilaxia animal;

2009 – 2010 - IV Dia de campo: Produção de silagem para ruminantes;

2009 – 2009 - III Dia de campo: Produção de silagem para ruminantes;

2009 – 2009- Combate a Febre Aftosa no campo;

2008 – 2009 - Trabalho e renda para sustentabilidade da comunidade Quilombola, Dourados/MS;

2007 – 2010 -Transferência de tecnologias agronômicas, zootécnicas e ambientais a agricultores familiares no sudeste do Mato Grosso de Sul.

Este obra está licenciada com uma Licença:
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 3.0 Brasil.

Volume 6 | N° 12
ISSN: 2358-3401